

O BANQUETE*

Mario de Andrade

Vatapá

[...]

O impulso de solidariedade, como sempre se acomodara num rito de classe. E assim, ali pelas quinze horas, daquele domingo possivelmente de sol, o político Felix de Cima, a cantora Siomara Ponga, o compositor Janjão e o estudante de Direito, Pastor Fido, se acomodaram em torno daquela távola redonda, na residência de inverno da milionária Sarah Light, que ficava num subúrbio de Mentira, a simpática cidadinha da Alta Paulista.

Sarah Light disse:

— Como hoje estamos entre nacionais... (Siomara Ponga tossiu. A milionária turtuveou, teve ódio, mas consentiu com mais modéstia:) ...e como se trata de homenagear um grande compositor mentirense, primeiro temos vatapá.

Janjão ficou morto de vergonha, mas gostoso. Nunca soubera que o banquete era oferecido a ele, e de resto, si entendesse de etiquetas, decerto achava graça de estar apenas à esquerda da dona da casa. O político merecera a direita, ganhando do outro lado o prêmio da cantora linfa. Sentiu-se bem. E fungou sensualizado, enquanto junto dele Siomara Ponga se servia (muito pouco), e espalhava na sala o cheiro sólido do prato. Um "oh" pensado amaciou todos.

— Oh! grunhiu Felix de Cima, de cima do seu paladar sabido, narinas arrebatadas, mastigando chupado e de boca aberta, como os que sabem comer. E com efeito, dona Frutidor, a cozinheira borbadiuna que só saía na rua de chapéu e falava cinco línguas, temperara um vatapá maior que a Capela Sixtina.

Um silêncio patético baixara sobre as almas, distribuindo por todos uma amizade sinceríssima, distraindo classes e interesses pessoais. Apenas Siomara Ponga fizera uma careta provando aquele horror jamais provado, que decerto havia de fazer mal prás vozes

* Reproduzido de *O banquete*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

dela. Mexia no prato, num desprestígio irritado. Sentiu-se só enquanto os outros comiam se entreamando sem querer. Bem que ela desejava confraternizar com a millionária, sentia uma necessidade imediata disso, sentia. Não tinha tempo pra se compreender agora (nem poderia, aliás!), mas a simples presença indesejável do compositor despertara nela aquele desespero enclumado. [...] Porém o vatapá estragoso lhe incutira na língua uma noção tão garantida de que viera estragar com a voz dela, o mau gosto do prato a deixara tão sozinha, que não se dominou, pliou fino:

— Está muito agradável. Mas esses pratos de negros são como transfigurações alimentares de estupros, há quem se console assim... É seu prato preferido, Sarah Light?

— Deixe de tolice, ilustre cantora. O prato é violento, mas o quê que você pode entender de violências e estupros, senhorita? A violência das comidas é menos questão de brutalidade do prato que de saúde espiritual.

— Espiritual! Recalcitrhou o estudante.

— Espiritual, sim! [...] É questão de saúde espiritual, digo e repito. O vatapá é um prato dos fortes de espírito.

— Mas foi inventado por escravos...

— Deixa de tolice, menino, não se sabe quem inventou. Mas demos que fosse! Foi Inventado por escravos mas foi servido aos patrões! Mas isso no tempo em que o Brasil ia bem, tinha chefes fortes e comandados fracos. O governo colonial era um governo na batata, tinha pulso! Mas hoje toda a gente quer mandar, democracia!... E o vatapá saiu da moda, ninguém mais agüenta vatapá, só quer comer perfumaria! Nós carecemos dum governo forte, um governo vatapá!

— O senhor é fachista!

— Eu não! Gritou Felix de Cima assustado. Sou democrático. Mas Mentira só poderá progredir de verdade, quando possuir um governo, sim, legitimamente democrático mas completamente paracido com o Fachismo.

O estudante soltou uma risada mae.

[...]

Desta vez foi Slomara Ponga que não conteve a risada. Nem eu. A expressão não estaria de todo falsa, etimologicamente, mas quem sabia disso alli! Esse antipático de político val me saindo uma besta reverenda. Mas é incrível como os meus personagens já estão agindo sem a minha interferência: não consigo conter mais eles. O curioso é que Felix de Cima quando fala de comidas, vira Inteligentezinho. E tinha uma coisa de bem político: sabia se acomodar. Como foi Somara Ponga que riu, ela era tão culta, ele jurou que tinha dito uma besteira. Mas não fazia mal, se riu também:

— [...] O que tem de mais admirável nos pratos do gênero do vatapá é o fenômeno da tempestade. Tem um poeta brasileiro, sei

mais como se chama, recitei isso no grupo falando que durante a tempestade o lobo e o cordeiro vão trêmulos se unir. É isso mesmo. O peixe, o camarão fresco, são sabores delicados, que viram delicadíssimos por contraste com a tempestade dos temperos, camarão seco, o dendê. Mas vão trêmulos se unir. É uma delícia da língua, até do paladar dos dentes, quando encontra, na convulsão, a maciez do peixe, a polpa discretamente resistente do camarão fresco. Eu não sei como explicar... mas vocês, homens, já perceberam decerto como é gostoso no meio da multidão a gente se encostar numa mulher...

— Oh! Felix!

— Não! não estou fazendo safadeza não! é só encostar sem querer. A multidão é que encosta na gente, basta até encostar os olhos. Pois é o peixe, é o camarão do vatapá.

Salada

Foi então que os criados trouxeram aos olhos inteiramente subjugados dos convivas, o prato novo. Era uma salada fria, mas uma salada colossal, maior do mundo. Só de pensar nela já tenho água na boca. E que diferença do vatapá anterior, tão feioso e monótono no aspecto. Sim, o vatapá não fazia vista nenhuma, com aqueles seus tons de um terra baço e os brancos do anguzinho virgem. Mas, se os leitores estão lembrados, cheirava. Assim que trazido espalhara na sala um cheiro vigoroso, capitoso, como se diz, que envolvera os presentes no favor das mais tropicais miragens. Bravio, bravo, sim, aquele cheiro. Áspero. Mas não tão cheio, tão nutrido e convicto, que se percebia nele a paciência das enormes tradições sedimentadas, a malícia das experiências sensuais, os caminhos percorridos pelo sacrifício de centenas de gerações. O cheiro do vatapá vos trazia aquele sossego das coisas imutáveis.

A salada não tinha cheiro nenhum, mas como era bonita e chamariz! Convencia pelo susto da vista, embora tivesse também muitas outras espécies de convicções. Mas a primeira era mesmo essa boniteza de visão. Tinha mil cores, com mentira e tudo. Uns brancos mates, interiores, que se tornavam absurdamente vigorosos e profundos, junto daqueles escarlates totais, tão vigorosos que nos davam a sua verdade ingênua de serem superiores a tudo. E os verdes. Nossa! Verdes torturados, envelhecidos, apenas denúncias de verdes, que iam se dispersar nos terras graduados, se não fossem as notas clarinetes dos amarelos, pouco mais invioláveis, que salpicavam o conjunto feito gritos, gritos metálicos coordenando numa avançada aquela marcha sobre Roma. Era o prato mais lindo do mundo.

Está claro que para um espírito mais reflexivo e recalcitrante, como o do compositor Janjão, logo aquela boniteza semotradeira não deixou sem desconfiança muita. Janjão olhou para Sarah Light

à espera dum possível conselho. Mas Sarah Light estava deslumbrante, toda entregue a si mesma, toda entregue à contemplação da salada que ela oferecia a seus convivas. O vatapá, ela gostava sim, Sarah Light comia tudo, era omnívora. Mas aquela salada, que era uma receita exclusivamente dela, que era uma salada de tipo norte-americano que ela modificara do seu jeito, e aperfeiçoara, aquela salada era o seu prato preferido, um coroamento da sua existência de comestível espiritual (desculpem). Era uma imagem, um símbolo, uma alegoria. Era, enfim, a preciosidade derrotadora, dominadora, peripatética e circuncisfláustica, que oferecia a milionária Sarah Light, nova-iorquina de nascimento, internacional por profissão, e brasileira por incrustação. Era a salada mais sem perfume porém mais vistosa do mundo.

[...]

Era a salada mais traiçoeira do mundo, Janjão imaginou. Mexia no prato, mexia. Havia, como já anunciei, perdiz desfiada, fortemente passada, como a milionária só podia apreciar perdiz. Tinha alface muito clara, tinha tomate e casca ralada de maçãs. Isto é: tinha de todas as vitaminas salutares, em graduação inexoravelmente científica, determinada pelos laboratórios norte-americanos, isso tinha. A saúde estava supervisoramente contemplada ali. Mas tinha também pecados, vícios, derrapagens de bom gosto, e místicas de todas as religiões. Tinha leite de cabra, por causa de Gandhi; tinha porco, porque era o bicho nacional dos celtas, cantado nos poemas bárdicos; mas bíblicamente separado de tudo, em cápsulas finíssimas de trigo por causa das cóleras possíveis de Israel. Tinha gemas de ovo, libertas da albumina perigosa das claras, levemente tingidas de suco de pedregulho. E tinha sorvete de creme, e avelãs recobertas de cacau sem açúcar. Enfim, tinha de tudo, e o Mundo Musical não sabe enumerar estatísticas de sabores úteis e prejudiciais, tinha de tudo. Era o prato das mais inesperadas e ambiciosas misturas, das mais convulsivas contradições. Era um desses mistifícios em que a gente, refletindo bem, sem parcialidade, tinha vontade era de lhe botar uma "Errata", ou aquele "Não atire dinheiro pelas janelas" dos trens holandeses. Era o prato mais odioso e ao mesmo tempo mais simpático do mundo.

E dominava a gente. Era dum totalitarismo simplório, sem delicadeza nenhuma. Incapaz do tradicionalismo sacral! dum vatapá de negros, ou de cuscus paulista vindo através de vinte séculos árabes. Era um prato inteiramente novo, incapaz de caráter, tirando o seu caráter abusivo, berrantemente superficial, escandalosamente dominador, justo da sua sabedoria de não ter caráter nenhum. Enfim: tirava o seu maior caráter de ter o espírito do anúncio. Janjão sentiu bem isso e amansou. A salada tinha o espírito do anúncio, mas como as crianças que também são só anúncio. Uma espécie ingênua de semvergonhice. Era sim, era um prato infantilmente

desavergonhado que, como uma criança, fazia chichi inocentemente no tapete persa multimilenar. Mas nem por sua inocência o chichi deixava de ser chichi.

Esse era o prato que a millionária Sarah Light oferecia no Banquete que dava àquela tarde de Domingo, na sua vivenda em Mentira, a simpática cidadinha da Alta Paulista.